

## O DESBRAVADOR

Feliz aquele que se abraça amorosa e confiadamente a essas duas âncoras de salvação: Jesus e Maria!

\*

Não perecerá eternamente. Digamos, pois, como o Beato Afonso Rodriguez: - Jesus e Maria, doces objetos do meu amor, por Vós quero sofrer, por Vós morrer; fazei que eu deixe de pertencer-me para ser todo Vosso. -

Amemos a Jesus e Maria, e santifiquemo-nos. Eis aí a maior fortuna que podemos aspirar e esperar.

Do Livro "Glórias de Maria" de Sento Afonso Maria de Lipório



ANO XVIII MAIO/JUNHO 1997 209/210

#### Escrevem os Leitores



"...Gostei muito e gostaria de continuar recebendo e estarei orando sempre em favor de vocês todos para que continuem este trabalho maravilhoso e quem possam abranger ainda mais por todo o território. Que Deus os abençoe e desde já agradeço o carinho deste belo trabalho..."

BENEDITA CÂNDIDO MELO CAUCAIA DO ALTO - SP

"...Simpatizo verdadeiramente com o Desbravador. Precisamos da sua coragem alargada e ampliada. Temos de convencer a esquerda persistente e destrutiva, que deve ir embora. Os males que causou e continua a causar à Igreja Católica no Brasil, vão sendo demais. Homens como vocês precisam gritar fortemente um basta: na cara dos bispos, cardeais e padrezinhos de calça apertada. Quanto à minha colaboração, ando a tentar poder-lhe enviar .... reais por ano. Mas entretanto, esclareça-me: quanto seria a assinatura, por ano? Eu pediria 2 exemplares e iria tentar arranjar assinaturas que os pudessem ajudar. Espero uma resposta. De resto é uma alegria trabalharmos com Cristo e para Cristo. Um abraço.

Padre TEOTONIO ALBERTO RIBEIRO ANHEMBI - SP

"Um amigo meu emprestou-me um exemplar de "O Desbravador". Eu o li e achei muito bom. Tomei a liberdade de copiar o endereço e resolvi escrever. Se for possível, gostaria que me incluissem no número daqueles que recebem regularmente "O Desbravador". Certa de vossa atenção, despeço-me..."

LUZIA APARECIDA B. TOFALINI MARINGÁ - PR

"..Rogo a Nossa Senhora Aparecida, Rainha e Padroeira do Brasil que proteja e guarde os senhores..."

J. LUIZ VIEGAS DE BARROS JUNDIAÍ - SP

"..Tenho recebido regularmente o boletim "O Desbravador" com reportagens e artigos muito bons..."

Padre WALTER XAVIER DE CASTRO - SJ SÃO PAULO - SP

"... Gostaria de pedir, se possível, que enviassem esta revista para minha família, para que a revista seja mais conhecida, amada e auxiliada por um maior número de pessoas. O endereço é o seguinte..."

Irmã MARIA DONATA COSTA ANÁPOLIS - GO

"...Comunico que recebi seu belo jornal. Muito ficamos satisfeitos pela sua missão dentro da nossa Santa Religião. Mais uma vez quero agradecer esse fruto de Dom Bosco propagando sua santidade na obra de Dom Bosco..."

Irmão LEONEL M. SANTOS - SDB CAMPINAS - SP



#### O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO HERIBALDO CARDOSO DE BARROS GERALDO JOSÉ DE MATOS JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO ROGÉRIO VERÍSSIMO MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

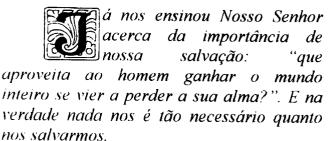
COMPOSIÇÃO ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA CAIXA POSTAL - 6416 01064 - 970 SÃO PAULO SP

#### Editorial





Se em nossa curta existência terrena formos ricos, famosos, usufruirmos inúmeros prazeres, mas perdermos nossa alma, tudo, para sempre, estará perdido. Se, ao invés, tivermos uma vida sofrida e pobre, mas salvarmos nossa alma, tudo estará salvo.

Deus, Nosso Senhor, quer a nossa salvação. Mas quer a nossa cooperação. Diz o grande Santo Agostinho que Deus, que nos criou sem a nossa colaboração, não nos salvará sem a nossa colaboração.

Precisamos então, cooperar na obra de nossa salvação. Precisamos fazer a nossa parte. Precisamos começár pela oração e jamais abandoná-la. Precisamos viver de maneira cristã. Precisamos freqüentar os sacramentos, que nos fornecem as graças, e, enfim, precisamos buscar constantemente a proteção de Nossa Senhora.

No presente número, trazemos dois artigos que se completam. Em um deles, que fala do inferno, mostramos a Justiça de Deus, totalmente perfeita. No outro, extraído de um livro de São Luiz Maria Grignon de Monfort, apresentamos dois belos casos que relatam a sublime misericórdia do Coração de Nosso Senhor, que tudo fez pela nossa salvação.

Juntamos estes dois textos para que nossos leitores, de um lado fujam do pecado, e de outro busquem a Misericórdia de Deus, através da Mãe de Misericórdia, Nossa Senhora.

#### POR UMA SÓ ALMA

Dentre toda a criação, dentre todos os reinos da natureza, o homem desfruta de um lugar privilegiado. Foi criado à imagem e semelhança de Deus e dotado de alma imortal.

E quando o homem caiu, ele que fora maravilhosamente criado, foi mais maravilhosamente resgatado, como diz o ofertório da Santa Missa, pelo sangue infinitamente precioso de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Portanto, uma alma tem um valor infinito. Foi pelas almas e não por outras coisas que o Salvador morreu.

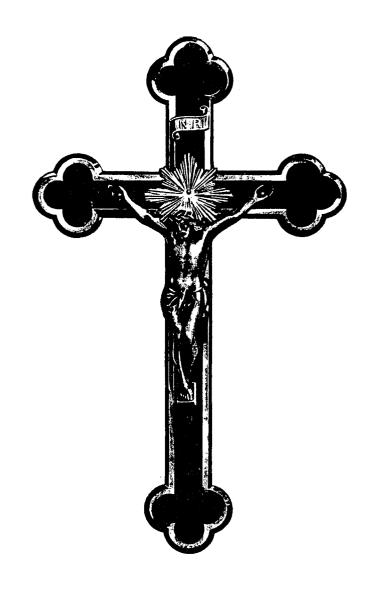
Os santos de todos os tempos tinham presente esse valor. São Dionísio Areopagita dizia que "das coisas divinas, a mais divina é trabalhar na salvação das almas". São João Bosco tinha como lema "dai-me almas, levem o resto". Santa Terezinha do Menino Jesus, com 8 anos de idade orava sem cessar pela salvação de um criminoso.

As missões populares tinham como tema o "Salva tua alma".

Infelizmente, com a mudança dos tempos, o que vemos? Vemos, em primeiro lugar, poucas, pouquíssimas pessoas preocupadas com a própria salvação.

Vemos mais. Vemos pessoas fazendo um mal enorme para a salvação do próximo, seja por levá-lo ao pecado, seja por descuidar de coisas que podem prejudicar o próximo.

Além disso, poucos se preocupam em levar os outros à salvação eterna, sendo que muitos preferem pregar a felicidade neste mundo, pregando um falso paraíso terrestre.



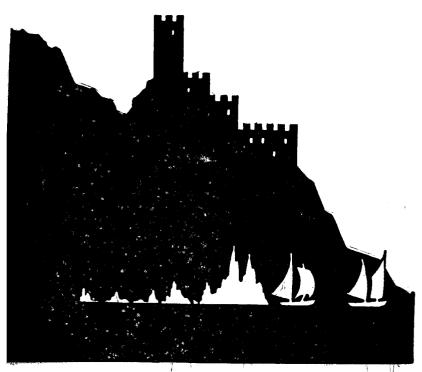
E você leitor que faz para salvar as almas? Reza por sua conversão? Dá bons e santos exemplos?

Exorta, ensina, cuida dos que Deus lhe confiou? Vê em cada um, alguém a ser salvo?

Se tudo isso você faz, prossiga e continue. Se não, vamos começar a partir de agora? A partir do fim desse artigo?

Reze uma Ave-Maria, e mãos à obra.

## São Patrício



Aqui está talvez uma das vidas mais extraordinária e menos conhecida que a hagiografia possa apresentar-nos. A lenda não tem nada de mais maravilhoso do que esta história.

Patrício tinha apenas 12 anos quando foi sequestrado por piratas e levado para Hibernia. Lá ele é transformado em pastor e guarda o rebanho dos seus mestres. Seis anos são passados, e durante esse tempo, o jovem Patrício, leviano e preguiçoso, foi tocado pelo espírito de oração. Ele ajoelhava-se sobre a neve, no meio dos campos, cercado dos animais que lhe tinham sido confiados. Ao cabo desse período ele ouve uma voz que lhe diz: "Logo você irá rever a sua pátria". Patrício escapa, e guiado por aquele que lhe falava, chega a um porto que ele não conhecia, descobre um navio que estava de partida, e obtém do piloto um lugar a bordo.

Mas esse navio desembarca em lugar estranho, a fadiga e a fome se apoderam da equipe que caminhavam por esse deserto à procura de abrigo e comida. Todos eram pagãos, exceto Patrício. "Você é cristão, lhe diz o piloto, e nos deixa perecer! Se o teu Deus é poderoso, invoca o seu nome e seremos salvos". Patrício começa aqui a função de sua vida. Ele ora, animais aparecem, são mortos e comidos.

Patrício volta ao seu país e é seqüestrado uma segunda vez por piratas. "Teu cativeiro durará apenas 2 meses", lhe diz a voz interior. Com efeito ao cabo de 2 meses ele é libertado.

Mas, uma vez devolvido à sua pátria e à sua família, Patrício não deveria permanecer muito tempo imóvel nesse aconchego.

Uma noite, durante seu sono, um personagem se levanta diante dele, com um livro na mão. E sobre a primeira página estava escrito estas palavras:

Voz da Hibernia.

E, no seu sono, Patrício crê ouvir as vozes de lenhadores de Focludum, que lhe suplicam dizendo: "Jovem, venha para o nosso meio e ensinai-nos os caminhos do Senhor!"

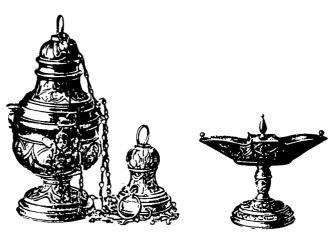
No dia seguinte, Patrício conta a um amigo sua visão, e seu confidente lhe responde: "Tu serás bispo de Hibernia".



Algum tempo mais tarde. Patrício parte com sua família para a Armorica.

Lá seus pais são decapitados pelos bárbaros, sendo Patrício conservado vivo entre eles como um escravo precioso.

Passado algum tempo, foi vendido e, durante a viagem de navio, foi raptado por gauleses que os abordaram e derrotaram.



Enfim, em Bordeaux, cristãos resgatam Patrício, que vem bater à porta do monastério de São Martin de Tours.

É difícil imaginar uma vida mais agitada, uma sucessão mais estranha de situações bizarras e de acontecimentos singulares. Aí está então Patrício tantas vezes aprisionado.libertado, aprisionado novamente, transportado, e que agora passa 4 anos de vida cenobítica.

Entretanto. as visões divinas lhe mostram sempre a Hibernia (tradução latina e poética de Irlanda) como o lugar de sua vocação. Ele ouvia, diz-se, os gritos de crianças no seio de suas mães que o chamavam para a Irlanda.

Ele deixa o convento, cruza o estreito, e vem evangelizar a cidade irlandesa de Remair.

Mas, tal era a via estranha pela qual Patrício era conduzido que, malgrado seus anseios, sua santidade, seu zelo, e o apelo sobrenatural de que era objeto, ele fracassa completamente.

Tratado como inimigo, é obrigado a voltar.

A hora ainda não havia chegado. A Irlanda não estava pronta. Patrício volta para a Gália, onde passa três anos sob a direção de São Germano de Auxerre. Em seguida ele vai procurar a solidão na ilha de Lérins onde prossegue nas preces a preparação que havia começado no trabalho e no cativeiro.

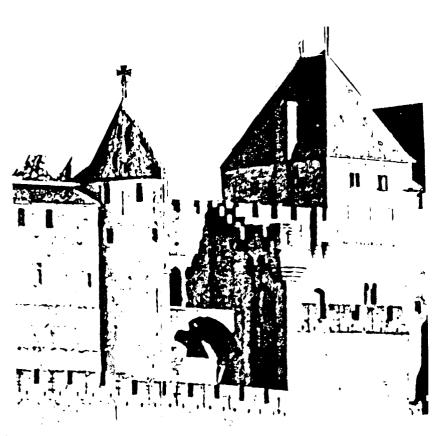
Por fim, São Germano o envia a Roma, onde ele pede ao papa São Celestino a bênção apostólica e retoma, a partir da França, o caminho dessa Irlanda que era para ele a terra prometida.

Um bispo da Inglaterra, chamado Amaton, lhe dá a consagração episcopal, e, acompanhado de Analius, de Isornius e de vários outros, São Patrício desembarca na Irlanda, durante o verão do ano 432.

Assim que se instala nesse lugar, vai direto para a assembléia de guerreiros da Hibernia.

Ao lado deles estava sediado o colégio druida.

Patrício ataca de frente o centro religioso e o centro político da nação. Diante de todos seus inimigos solenemente reunidos, São Patrício prega a fé católica.





A partir desse momento as maravilhas se sucedem.

O rei de Dublin, o rei de Miurow, os sete filhos do rei de Connaught abraçam o Cristianismo.

Esta Irlanda, que havia caçado os enviados de Deus, transforma-se na Ilha dos Santos.

É numa granja que São Patrício celebra a primeira missa sobre solo irlandês.

Nesse mesmo país onde ele fora outrora escravo humilhado pelos chefes pagãos e bárbaros, São Patrício marcha agora como conquistador e triunfador. Reis e povos, tudo vem até ele. Reis, povos e poetas, porque a Irlanda é uma das mais antigas pátrias da poesia.



As maravilhosas lendas irlandesas tomam imediatamente feições cristãs. A poesia céltica floresce à sombra dos conventos e monastérios que brotam do solo calcado por São Patrício, guiando novas vocações.

Então, diz um velho autor, os cantos dos bardos tornam-se tão belos que os anjos se abaixam na beira do céu para ouvi-los.

Entretanto, as invasões dos piratas continuavam. Corotic, chefe do bando, maltratava o rebanho de Patrício. O bispo escreve-lhe uma carta:

"Patrício, pecador ignorante, mas coroado bispo em Hibernia, refugiado entre as nações bárbaras, por causa do amor a Deus, escrevo esta carta para ser transmitida aos seus soldados... A misericórdia de Deus, que eu tanto amo, não me obrigaria a agir dessa maneira, para defender aqueles mesmos que antes me fizeram cativo e massacraram os servidores de meu pai?" E ele prevê que o reino desse tirano passará como nuvem e fumaça.

Alguns meses mais tarde, Corotic, enlouquece e morre no desespero.

Os inimigos de São Patrício caíam mortos, os seus amigos eram ressuscitados. A vida e a morte pareciam dois escravos que obedeciam a seus movimentos.



Quanto São Patrício chegou na Irlanda, os demônios, segundo um historiador do 12º século, formaram uma barreira circular sobre a ilha, para impedir sua passagem. Para furar esse bloqueio, São Patrício levantou a mão direita, faz o sinal da cruz e seguiu adiante.

Depois ele derrubou o ídolo do sol, ao qual eram oferecidas crianças em sacrifício, como ao antigo Molock bíblico.

Segundo a tradição, os irlandeses perguntam um dia a São Patrício:

"Vós anunciais para o outro mundo grandes alegrias ou grandes dores; vós falais, mas nós não vemos nem uma coisa nem outra. Que significam essa palavras?"

Patrício se põe a orar, e guiado por seu anjo, aproxima de sua terrível e celebre caverna, onde ele vê e mostra as cenas do outro mundo, reproduzidas nesta. Para separar aqui a história da lenda em uma linha divisória, toda crítica deve se declarar impotente. Pela tradição, esta caverna era dividida de um lado pelos anjos com um cortejo inédito de esplendores paradisíacos, de outro por espectros, os ídolos, e todos os monstros que tinham sido idolatrados pelos irlandeses envoltos em todos os horrores que se possa imaginar.

Atribui-se ao bastão de São Patrício o poder de acabar com as serpentes. Esses animais venenosos são, ao que parece, desconhecidos na Irlanda, e sua ausência é atribuída a uma bênção particular do bastão que São Patrício carregava.

A figura de São Patrício parece-se um pouco com esses navios que se vê afastarem do cais. Durante algum tempo, a gente os segue distintamente, mas o céu e o mar os confunde no horizonte, e logo esses navios parecem desaparecer de vez na bruma entre o céu e mar. (do livro Fisionomia dos Santos - Ernest Hello)

A semente lançada por São Patrício frutificou. Só para darmos um exemplo: entre os séculos XVI e XIX os irlandeses foram profundamente perseguidos por causa de sua catolicidade, mas, apesar de massacrados diversas vezes, mantiveram-se fiéis à Santa Igreja Católica.



#### COLABORE COM O DESBRAVADOR

- Atravessamos dias dificeis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxilio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem:

BANCO ITAÚ
CONTA CORRENTE 00433-0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO
CONTA CORRENTE 24019-2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de: GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE



Todos os pecados mortais são caminhos que vão dar no abismo eterno; há porém, alguns que fazem mais estragos e causam a morte a um maior número de almas. O pecado de desonestidade é sem dúvida talvez o que mais povoa o inferno, porque é um pecado muito grave, fácil de cometer, pela corrupção de nossa natureza, e depois dificil de abandonar.

Santo Agostinho diz que a soberba povoou o inferno de anjos e a desonestidade o enche de homens. E Santo Afonso não receia afirmar que todos os cristãos que se condenam, se condenam pela impureza, ou, pelo menos, não sem ela. Ai do jovem que chega os seus lábios a este cálice envenenado da Babilônia! Ele trilha a passos agigantados o caminho da perdição, e como é dificil deter-se e voltar atrás!

E este pecado traz muitas vezes consigo o sacrilégio, principalmente nos jovens. Confessamse sem dificuldade das culpas cometidas contra a obediência, a caridade e as outras virtudes; mas têm vergonha de revelar ao confessor as faltas cometidas contra a bela virtude. O demônio tiralhes a vergonha no ato de cometer o pecado e depois lhes restitui no momento da confissão. E então cometem um sacrilégio, depois outro e mais outro, até que a justiça divina cansada abre para esses infelizes a porta do inferno.

Sirvam os seguintes exemplos para causar salutar temor e preservar-nos de impureza e do sacrilégio.

Santo Antonino de Florença refere nos seus escritos um fato terrível, que pela metade do século XV encheu de pavor todo o norte da Itália.

Um rapaz de boa família, que na idade de 16 para 17 anos tivera a desgraça de calar na confissão um pecado mortal e de comungar nesse estado, ia adiando, de semana em semana, de um mês para outro, a confissão tão penosa dos seus sacrilégios. O santo arcebispo não menciona qual fosse o pecado oculto, mas parece que tenha sido uma culpa grave contra fa bela virtude da castidade.

Atormentado pelos remorsos, em vez de descobrir com sinceridade a sua miserável condição, procurava a paz fazendo grandes penitências; mas inutilmente.

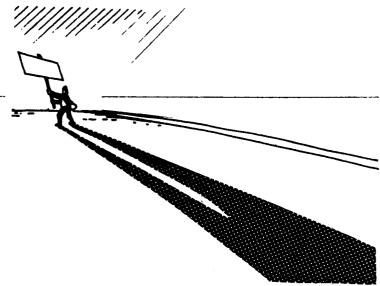
Não agüentando mais os contínuos assaltos da consciência entrou num convento, pensando: - Lá, ao menos, confessar-me-ei bem e farei penitência dos meus pecados. Por sua desgraça foi recebido como um moço de vida exemplar, pois os superiores sabiam da boa reputação de que gozava; e por isso, também aqui a voz da consciência foi subjugada pela vergonha. Adiou a confissão para outra ocasião, e dois, três anos passou-os em tal deplorável estado, sem ter a coragem de se confessar.

Afinal uma doença parecia-lhe trouxesse oportunidade: - Desta vez, dizia consigo o infeliz, manifesto tudo e faço uma confissão geral antes de morrer.

Mas, também desta vez não foi sincero na acusação; fez tantos rodeios que o confessor não compreendeu nada; esperava confessar-se melhor no dia seguinte, mas, surpreendido por uma crise, expirou miseravelmente nesse estado.

Na comunidade, ignorando todos o seu triste fim, cercaram de veneração o defunto; o corpo foi transportado para a igreja do convento, onde ficou exposto no coro até as matinas do dia seguinte, quando se fariam as exéquias.

Uns minutos antes da hora marcada para a cerimônia, a um dos frades que fora tocar o sino aparece o morto amarrado de correntes afogueadas com não sei que de incandescente que lhe transparecia em toda a pessoa. O frade caiu de medo, mas cravou o olhar naquela terrível aparição, então o réprobo lhe falou: - "Não rezeis por mim, que estou no inferno para sempre". E contou-lhe a lamentável historia de sua maldita vergonha e dos seus sacrilégios. Depois desapareceu, deixando na igreja um odor pestífero que se espalhou por todo o convento, como para atestar a verdade do que o frade tinha visto e ouvido.



Advertidos os superiores fizeram remover de aí o cadáver, julgando-o indigno de sepultura eclesiástica.

Narram as crônicas de S. Bento de um solitário de nome Pelágio, que, encarregado pelo pai da guarda do rebanho, levava vida exemplar, tanto assim que todos lhe chamavam um santo. Assim viveu muitos anos. Mortos os pais, vendeu as poucas coisas que lhe deixaram, e se retirou para o ermo.

Uma ocasião teve a desgraça de consentir num pensamento desonesto. Cometido o pecado, caiu em profunda melancolia porque não queria confessá-lo, para não perder a fama em que era tido. Resolveu fazer penitência, sem confessar o pecado, iludindo-se a si mesmo que Deus talvez lhe perdoasse sem confissão. Entrou num convento, onde foi recebido pela boa fama, e aí viveu vida austera.

Chegou a hora da morte e ele se confessou pela última vez; mas como por vergonha ocultara o pecado durante a vida, assim deixou de o contar na hora da morte. Depois de receber o viático morreu e foi sepultado com o mesmo conceito de santo.

Na noite seguinte o sacristão encontrou o corpo de Pelágio sobre a da sepultura e o enterrou outra vez, como porém o encontrasse desenterrado três noites consecutivas, avisou o abade, o qual foi ao sepulcro com outros frades, e:

- Pelágio, disse, tu foste sempre obediente durante a vida, obedece-me também agora depois de morto; dize-me: é talvez vontade divina que o teu corpo tenha lugar reservado?

O infeliz defunto dando um formidável grito respondeu:

- Ai! Estou condenado por um pecado que não confessei; olhe, Sr. Abade, para meu corpo.

E o seu corpo, nesse instante, apareceu um como ferro em brasa, que mandava chispas. Todos fugiram espavoridos; mas Pelágio chamou o abade para que lhe tirasse da boca a partícula consagrada que ainda se achava aí. Depois disto, Pelágio disse que o tirassem da igreja e o lançassem no monturo; e a ordem foi executada.

Conta o Padre João Batista Manni, jesuíta, que houve uma pessoa que por muitos anos calou na confissão um pecado de desonestidade.

Passaram por aquele lugar dois frades dominicanos; ela, que sempre esperava um confessor estranho, pediu a um deles que a ouvisse em confissão. Saindo da igreja, o companheiro contou ao confessor, que observara que, enquanto aquela senhora se confessava, saiam de sua muitas serpentes; mas, que uma enorme serpente apenas pôs fora a cabeça e entrou de novo; e então voltaram todas as outras.

O confessor, suspeitando o que isso pudesse ser, correu à casa da senhora; na porta lhe disseram que ela ao chegar à sala caíra morta.

Depois disto, apareceu-lhe, durante a oração, a pobre mulher vestida de fogo e disse: - Eu sou aquela mulher que me confessei contigo, cometendo um sacrilégio; eu tinha um pecado que não queria confessar aos sacerdotes da cidade; Deus mandou um confessor de fora, e foste tu, mas também nessa ocasião deixei-me vencer pela vergonha e logo a justiça divina me castigou, tirando-me a vida apenas cheguei à casa, e justamente me condenou ao inferno.

Tendo assim falado, abriu-se a terra onde se precipitou e desapareceu para sempre.

O Padre Martinengo, no seu livro da Primeira Comunhão conta também um fato que aqui reproduzo com as suas próprias palavras.

Numa paróquia de França celebrava-se a festa de Primeira Comunhão das crianças. Estava já o celebrante distribuindo a comunhão, quando, de repente, um menino, apenas recebeu a sagrada Partícula, caiu no chão. O socorro não se fez esperar. O menino estava frio como cadáver, sem conhecimento e sem fala. Levado nos braços para uma casa próxima e deitado numa cama, procuram reanimá-lo. Vem o médico, que tudo faz para que o menino volte a si. Debalde!

Terminada a função, chega o padre que tanto o amava, senta-se à cabeceira, chama-o pelo nome, sacode-o até. Nenhum sinal de vida.

- Ah! Coitadinho! Que teria acontecido? Estará mesmo morto? Eram as perguntas que então se faziam

Não, não tinha morrido, mas era moribundo. Depois de convenientemente medicado, o menino se mexeu, abriu os olhos e olhou estonteado os circunstantes. Momentânea alegria se difundiu no semblante de todos. O bom padre deu um grande suspiro de esperança e consolação, e começou a acariciar o menino e a confortá-lo com santas e afetuosas palavras.

- Filho, te sentes mal, não é? Coragem! Sofre com paciência. Jesus a quem recebeste te ajudará com certeza.

Ouvindo esse nome, o menino torna-se lívido, olha assustado para o padre e prorrompe nestas palavras de desespero: - Ai de mim! Cometi um sacrilégio!

Assim dizendo, vira sinistramente os olhos, cerra os dentes, range-os, e fazendo esgares voltase para o lado da parede e expira.

Conta o Pe Francisco Rodrigues, e o traz também Santo Afonso, um fato acontecido na Inglaterra, quando aí dominava a religião católica. O rei Anguberto tinha uma filha que por sua airosidade fora pedida em casamento por muitos príncipes. Mas a princesa recusou terminantemente, pois fizera voto de castidade. O pai pediu para ela dispensa de Roma, mas a filha ficou firme no propósito de não se casar, dizendo que não queria outro esposo senão Jesus Cristo; e ao mesmo tempo pedia ao pai a permissão de viver afastada do mundo; o pai, que a estimava muito, condescendeu dando-lhe uma casa e corte convenientes. Começou então uma vida santa de oração, jejum e penitências; freqüentava os sacramentos e muitas vezes ia prestar serviços aos doentes de um hospital vizinho. Nesse teor de vida morreu, apesar dos seus verdes anos.

Certa vez, uma senhora que tinha sido sua criada, ouviu durante a oração da noite, um rumor estranho e depois viu aparecer subitamente uma alma em figura de mulher, no meio do fogo e acorrentada entre muitos demônios, que se apresentou assim:

- Eu sou a infeliz filha de Anguberto.
- Como? Perguntou assustada a aia; vós, condenada após uma vida tão santa?

Replicou a alma: - Fui justamente condenada por minha culpa.

- Por que?
- Sendo ainda criança tive a desgraça de cair num pecado desonesto. Fui confessar-me, mas a vergonha fechou-me a boca e em vez de revelar candidamente o meu pecado, eu o cobri de jeito que o confessor nada compreendeu, e cometi um sacrilégio. Depois comecei a fazer penitências, a dar esmolas, para que Deus me perdoasse, mas sem confissão. Em artigo de morte disse ao confessor que eu tinha sido uma grande pecadora. O padre, ignorando o meu estado, respondeu-me que devia repelir esse pensamento como uma tentação; logo depois expirei e fui condenada para sempre às chamas do inferno.

E, dizendo isto, desapareceu, mas com tanto estrépito que parecia derrubar a casa, deixando no quarto um mau cheiro insuportável, que durou por muitos dias.

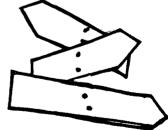


O terceiro pecado que arruina tantas almas é a blasfêmia. E como se tornou comum no dia de hoje!

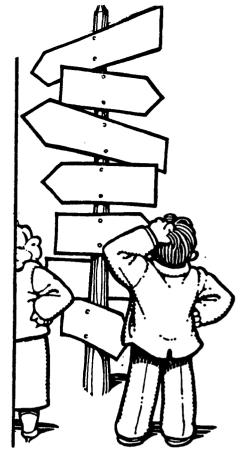
Se um carroceiro não consegue fazer seu animal andar, vomita blasfêmias contra Deus e contra os santos. Se um comerciante vai mal nos negócios, dirige imprecações contra os céus. Um jogador perde e então se ira fortemente contra Nosso Senhor e sua Mãe Santíssima. Não se pode sair de casa, sem que os ouvidos e o coração se firam por blasfêmias. Mas, que mal nos fez Nosso Senhor para O maldizermos? Não é Ele o nosso Criador, o nosso Redentor, que morreu na cruz para nos salvar, e que está pronto a derramar sobre nós as suas bênçãos celestes, se o amamos? Por que usamos mal dessa língua que nos foi dada para cantar os Seus louvores, profanando o Seu Santo Nome?

A blasfêmia é a linguagem do inferno. Os santos padres justamente indignados pelo gravíssimo excesso que ela encerra chamam aos blasfemos demônios em carne. Ai de quem se habitua a blasfemar! Ele se encaminha a largos passos para o inferno, pois multiplica pecados sobre pecados, escândalos sobre escândalos.

Em alguns países católicos fundaram-se pias uniões que tem por escopo impedir as blasfêmias, ou, pelo menos, fazer a reparação, bendizendo o Santo Nome de Deus. Quando encontram algum infeliz que não sabe observar o segundo mandamento da lei de Deus, o advertem caridosamente por si ou por meio de seus conhecidos, mostram o mal que faz à própria alma, o escândalo que dá ao próximo e o castigo que o espera, se não se corrige. São admiráveis os resultados que conseguem tais pias uniões ou ligas e muito fora para desejar que florescessem em todos os países, em todas as cidades.



Reuniram-se alguns soldados numa taberna de Noviano, na Lorena, e depois de terem bebido demais, começaram a jogar. Um deles tendo perdido muito levantou-se raivoso da mesa e vendo por acaso uma imagem de Maria Santíssima, pôs-se a desabafar a sua raiva vomitando as mais nefandas blasfêmias contra a Mãe de Deus.



Mas, no mesmo instante, caiu no chão, com um horrível tremor em todos os membros e com tão violentos espasmos nas vísceras que se contorcia e bramia como um leão ferido. Três dias ele passou nesse estado, sem poder engolir nem alimento, nem remédio para acalmar um tanto aquelas dores horríveis, até que no quarto dia, espumando de raiva e mordendo nervosamente a poeira morreu na presença de seus companheiros, estarrecidos por esse lutuoso espetáculo.

Sabendo S. Leonardo de Porto Maurício que em Sezze, onde pregava as santas missões, estava enraizado o vício da blasfêmia começou a falar com veemência contra esse enorme pecado.

Um jovem devasso e grande blasfemo riuse das ameaças que Deus fazia por meio de seu ministro; aconteceu que no dia seguinte, precisamente na hora do sermão, ele passeava a cavalo pelas ruas da cidade; num dado momento levou uma forte queda e teve morte instantânea, ficando com a língua fora da boca.

Todos reconheceram o fato como castigo manifesto de Deus, o que serviu para incutir no povo um grande horror à blasfêmia.

Lê-se na Sagrada Escritura que o soberbo e perverso Nicanor foi ferido de morte numa batalha. Judas Macabeu vendo-o tombar mandou que o degolassem, e arrancassem a língua sacrílega que tantas blasfêmias proferira, atirou-a às aves, para incutir temor nos blasfemos. (do livro "O inferno existe" do Pe. André Beltrami).

# Da necessidade de combater as paixões



Grande é número das almas que, chamadas à perfeição, não se fazem santas porque não querem renunciar a certas inclinações terrenas, chegando assim a arriscar até a sua salvação eterna. A aspiração predominante de uma alma em seus exercícios de devoção, em suas comunhões, meditações, leituras espirituais, etc., deve ser sempre a vitória sobre suas paixões, a extirpação de todas as afeições terrenas, a remoção de tudo o que a impede do caminho da perfeição. Para esse to devera ser dirigidos tados os asua cuardicias de devoção, como todas as suas orações: pedir sempre a Deus o desapego de tudo o que é criado e a vitória sobre suas más inclinações.



Alguns cristãos são zelosos em receber a miúdo a santa comunhão, em fazer suas orações costumadas, etc., mas procuram com unicamente satisfazer um certo sentimento piedoso, contentar uma certa sentimentalidade espiritual, pondo nisso todos os seus esforços. Assim permanecem, porém, sempre retidas na terra com suas inclinações, ficam impedidas de progredir na vida espiritual, retrocedendo até cada vez mais, por esse motivo. Não raro acontece que essas almas caem miseravelmente na desgraça de Deus.

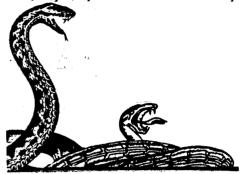


Notemos bem que o demônio, quando tenta cristãos piedosos, não os induz, a princípio, ao pecado mortal. No começo se dá por satisfeito se consegue prender as almas por um cabelo, pois se pretendesse acorrentá-las logo no princípio com uma cadeia, causar-lhes-ia temor e fugiriam; tendo-as, porém, por um cabelo, fácil se lhe torna amarrá-las com um fio, que substitui por uma corda, prendendo-as finalmente com fortes cadeias, fazendo-as escravas do inferno.

Suponhamos que certa pessoa, depois de pequena desavença com o próximo, guarde algum rancor em seu coração: eis o cabelo. Em consequência disso não fala mais com ele, nem o saúda: eis o fio. Aumentado-se a antipatia e o rancor, começa a falar mal dele e ofendê-lo, provocando-o: eis a corda. Ocorrendo qualquer outra desavença e suposta ofensa, apodera-se dela um ódio mortal: eis a cadeia que a torna escrava do demônio.

Outro caso. Uma pessoa deixa-se levar por uma inclinação ou simpatia toda natural para com outra, a entreter-se longas horas com ela sob pretexto de atenção e gratidão; a isso seguem-se presentes mútuos, a estes, palavras afetuosas, e, finalmente, o incêndio da paixão e a ruína completa da infeliz. - Como um jogador, depois de perder muitas quantias insignificantes, exclama desesperado: agora arrisco tudo, e, dando a última cartada, perde tudo o que possuía; do mesmo modo uma alma tíbia, depois de ter sofrido pequenas perdas na vida espiritual, sente-se sem forcas para resistir às tentações, e exclama também: aventurar vou agora tudo. sucumbindo, perde a Deus e lança-se no abismo.

Realmente grande é o poder que tem o demônio sobre nós, quando nos vê escravos de uma paixão. Como Santo Antônio o nota, o demônio primeiro observa qual a coisa que mais nos agrada; descoberta esta, põe-no-la diante dos olhos, provoca a nossa concupiscência, e assim nos arma laços para prender-nos ao seu império.



Se ouvirmos da queda de uma alma que se havia consagrado à vida espiritual, não pensemos que sucumbiu logo à primeira tentação, diz Cassiano, podemos sem temor afirmar que começou com faltas pequenas até cair em pecados graves. S. João Crisóstomo nos afirma que conheceu diversas pessoas ornadas, a seu ver, de todas as virtudes, e que, mais tarde, se precipitaram num abismo de crimes, por haverem feito pouco caso das faltas leves. A serpente, no começo, não despertou em Eva o desejo de comer o fruto, mas simplesmente de contemplá-lo, entrou então em uma conversa com ela, Eva começa a duvidar da ameaça divina de morte e, dessa maneira, foi arrastada à queda.



Segundo Santa Teresa, o demônio já se dá por satisfeito se uma alma lhe abre um pouco só a porta de seu coração, pois achará meios de fazê-la abrir por inteiro. Esta é também a opinião de S. Jerônimo: "o inimigo não tenta logo no princípio ao pecado grave, mas as culpas leves, para que possa penetrar quase desapercebidamente na alma e nela estabelecer o seu domínio e então seduzi-la ao pecado grave" (Ep. 40). Um homem piedoso não se torna perverso de uma vez, diz S. Bernardo; começam com pequenas faltas aqueles que mais tarde se entregam aos maiores crimes.

Toda a alma, pois, que por Deus foi chamada à perfeição, deve precaver-se contra todo o pecado, por mínimo que seja: do contrário, cairá facilmente em pecado mortal e por sua queda se exporá ao perigo de ser abandonado por Deus. Seus pecados não serão, nesse caso, como os daqueles que pecam nas trevas, más serão pecados de malícia, já que peca sob o influxo da luz recebida de tantos sermões, comunhões, meditações e conselhos de seu diretor espiritual, não podendo assim pretextar ignorância ou fraqueza, depois de ter recebido tantas luzes e tantos meios para se consolidar na virtude.

O pecado cometido por malícia é o que é praticado com perfeito conhecimento de sua gravidade, segundo S. Tomás; um tal pecado é acompanhado das mais nocivas consequências, pois, quanto maiores forem as luzes recebidas, tanto mais forte será a sua obcecação. O pecado será também tanto maior quanto maior for a ingratidão de quem o comete.



Ora, quantas graças, quantos favores não concede Deus a uma alma devota! Ele a enriquece com suas gracas, com auxílios internos e externos, a fim de torná-la santa; dá-se-lhe na comunhão, fala-lhe muitas vezes confidencialmente nas meditações, leituras espirituais e visitas ao Santíssimo, numa palavra, eleva-a de um profundo vale a uma alta montanha. E, apesar de tudo isso, ' quer essa alma voltar as costas a seu Deus e tornar-se sua inimiga. O infeliz, tua queda não é uma queda comum, mas um arremesso e precipitação na perdição. Quem cai na planície não se fere facilmente, mas quem cai de um alto monte diz-se que rolou vertiginosamente. Deus fala pela boca de Ezequiel: "Coloquei-te no monte santo de Deus... e tu pecaste e eu expulsei-te do monte de Deus e te entreguei à perdição" (Ezeq 28, 14). Dificílima é, por isso, a conversão de uma alma que, tendo antes servido a Deus, voltou-lhe depois as costas.

### Formosura e Bondade de Jesus, Sabedoria Encarnada

O que lembra o nome de Jesus, que é o próprio nome da Sabedoria Encarnada, senão uma caridade ardente, um amor infinito e uma doçura encantadora? Jesus Salvador, o que salva o homem, de quem o próprio é amar o homem e salvá-lo.

Sendo Jesus muito jovem, todas as pessoas com alguma aflição e os meninos de toda a vizinhança vinham vê-lo para alegrar-se e diziam entre si: vamos ver o pequeno Jesus, o precioso Filho de Maria.



Oh quão doce é para o ouvido e o coração de uma alma predestinada o nome de Jesus: "Para a boca é mel dulcíssimo, para o ouvido melodia agradável e alegria perfeita para o coração" (S. Bernardo).



É tão doce e benévolo o semblante deste amabilíssimo Salvador, que cativava o olhar e o coração de todos aqueles que O viam. Ficaram tão encantados da doçura e formosura de seu rosto os pastores que vieram vê-lo no estábulo, e teriam passado dias inteiros a contemplá-lo. Os reis, ainda mais encantados, assim que viram esse Maravilhoso Menino, prostraram-se sem a menor dificuldade diante dos seus pés. Quantas vezes disseram uns aos outros: amigos, como se está bem aqui! Em nossos palácios não encontramos prazer semelhante ao que se goza neste estábulo contemplando a este querido Menino-Deus.



continua



A beleza e a majestade de seu rosto, diz São João Crisóstomo, era tão doce e imponente, que todos os que O conheciam não podiam deixar de amá-lo.

Garantem alguns autores que, se os soldados romanos e os judeus vedaram o rosto de Jesus, para maltrata-lo, foi porque seus olhos e seu rosto resplandeciam tão suave e encantadoramente que os mais ferrenhos ficavam desarmados.

Não faz muito tempo, um infeliz, cheio de raiva por haver perdido todo o seu dinheiro no jogo, levantou sua espada contra o céu, culpando a Deus pela perda de sua fortuna. E oh coisa estranha! Em vez de raios e trovões a que havia merecido receber, viu descer do alto um bilhete, que rodopiando, veio cair perto dele.

Surpreso o blasfemo, toma-o e lê: miserere mei, Deus (Deus meu, tende misericórdia de mim).

Derrubou a sua espada, sentiu comovido até o mais fundo do coração e, ajoelhando-se em terra pediu perdão a Deus.

São Dionisio Areopagita conta que um bispo chamado Carpo, havia convertido depois de muito trabalho a um idólatra, e ao saber que um outro idólatra em um instante o havia feito renunciar a sua fé, dirigiu-se ao Senhor, rogando-lhe insistentemente para que castigasse os culpados pela injúria feita a Sua Divina Majestade.

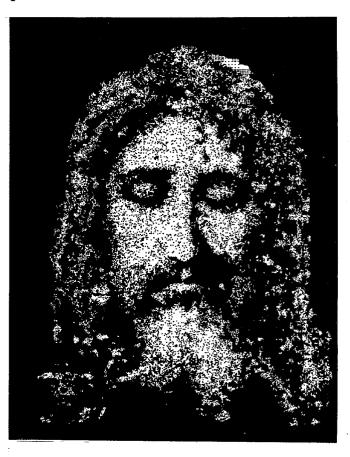
E no auge do fervor de sua oração e no ardor de seu zelo, abriu-se a terra e ele viu os demônios procurando lançar ao inferno o idólatra e o apóstata.

Levantou então o olhar e viu abrir-se o céu e Jesus Cristo vindo em sua direção com uma legião de anjos, dizia-lhe:

- "Carpo, me pedes vingança; não me conheces. Sabes o que pedes e o que me custou os pecadores? Porque desejas que os condene? Eu os amo tanto, que estaria disposto, se necessário, a morrer novamente por cada um deles".

Em seguida, aproximando-se de Carpo e mostrando seus ombros desnudos, lhe disse:

-"Carpo, se queres vingança, vinga-te sobre mim e não sobre esses pobres pecadores".



(Extraído do livro "O amor da Sabedoria Eterna" de S. Luiz G. de Monfort)